

DO LÉXICO DA PRÉ-HISTÓRIA

R. F. Mansur Guérios.

Durante a leitura ou estudo de várias obras lingüísticas, depararam-se-nos numerosíssimas etimologias dignas de maior divulgação, e resolvemos, portanto, recolhê-las, colocando-as em ordem alfabética, apresentando-as resumidamente e às vêzes também mediante comentários de nossa responsabilidade, os quais se distinguem por vir quase sempre no final, após o nome do autor ou dos autores citados.

Em geral mais nos preocuparam os sentidos que as formas, sentidos os quais se remontam a máxima antiguidade, às vêzes superando mesmo o idioma dos antiqüíssimos A'rias — o proto-indo-europeu (*) — ascendente das línguas historicamente atestadas — indo-irânico, armênico, helênico, ítalo-céltico, albânico, germânico, balto-eslavo, tocário, hitita.

É certo que os significados de muitas palavras pré-históricas são os mesmos, ou quase, da atualidade, mas, freqüentissimamente, houve separações enormes, causadas pela natural evolução, mediando, é claro, entre o passado e o presente, os liames que possibilitam esclarecimentos.

Não resta dúvida que tal conhecimento proporciona, senão idéia nítida, pelo menos muito aproximada do pensamento primitivo dos nossos antepassados lingüísticos, dos nossos, repito, uma vez que nos preocupa primordialmente a família indo-européia.

(*) Calcula-se que o indo-europeu comum se tenha desmembrado há cerca de 5.000 anos, na opinião de Alfredo Trombetti ("Come si Fa la Critica di un Libro", Bolonha, 1907, p. 96), e na de Luís da Cunha Gonçalves, há cerca de 5.000 anos antes de Cristo ("Arianos e Semitas nos Primórdios da Civilização", Lisboa, 1934, p. 21).

Não se esqueça, todavia, que as idéias não são privativas de um povo ou de uma raça. Virtualmente se reconhece a existência das mesmas em outra ou outras coletividades, e que as mesmas causas podem produzir os mesmos resultados em idiomas diferentes.

Quando se indaga a etimologia de um vocábulo, busca-se a fonte próxima e não a remota. Qual é a origem do port. **abelha**? Não é o latim **apicula**, diminutivo de **apis**, mas, sim, o lat. **apicla** (com i breve). Qual o sentido etimológico do port. **chapéu**? É o que tinha o francês, de onde proveio, e não o remoto (que, neste caso, só interessa ao francês) * **cappellus**, diminutivo de **cappa**, “manta, capa”. Não obstante, fazemos empenho em registrar aqui as etimologias remotas.

Tenha-se presente, contudo, que é relativa a noção de “remoto”; tanto é remoto o itálico ou ítalo-céltico, fase precedente ao latim, quanto o indo-europeu, fase mais afastada.

Parece que não é mister acrescentar que as palavras ou as significações não são tôdas de um mesmo tempo dentro de uma mesma língua, portanto, de modo capital, não nos preocupa a cronologia, quase sempre difícil de precisar.

AGE ! — partícula interjetiva, derivada de a **ge**, cujo primeiro elemento é a interjeição **ah**! e o segundo uma partícula enfática. (Trombetti).

ALTUS, “alto” — primitivamente “alimentado”; forma participial de **álere**, “alimentar”; mais tarde “crescido” e “alto”. Da idéia de “crescido” se derivou a de “velho” nas línguas germânicas (cp. alem. **alt**, ingl. **old**, etc.). (Friedmann, Wasserzieher). V. **édere**.

ANTIQUUS, “antigo” — composto de **anti**, “ante, enfrente” + ***oqu**, “ôlho” (**ocu-lus**), i. é, “que tem a vista dirigida à frente.” (Brugmann). — O elemento **anti**, neste exemplo, deve ser não “à frente”, mas “ao contrário.”

APER, “javali” — cognato de **caper**, “cabra”. Há aqui uma partícula **k-**, inexplicável. No grego há um paralelo com o mesmo radical daqueles, i. é, **éperos**, “carneiro” (eólico) e **kápros**, “javali”. Outros cognatos: germânico **ebur**,

“javali”; traco **hebros**, “bode”; eslavo antigo **vepri**. São deformações voluntárias por tabu. (Ernout e Meillet). — Evita-se declarar o nome exato do animal por vária superstição.

AQUA, “água” — talvez individual do coletivo **aqu** (ou **aku**), isto é, “uma gôta (**a**) d’água (**aqu**)”. (Trombetti).

AUGERE, “aumentar” — derivado interjecional de ***au ge!** com o sentido de *“ainda!” ou *ainda?” e daí a idéia de “mais”. A segunda partícula é a mesma de **a-ge!** (Trombetti).

AUGURIUM, “augúrio”. Para Ernout e Meillet, corradical de **augere**, com o sentido originário de “desenvolvimento concedido pelos deuses a um empreendimento”, donde “presságio favorável”. Para Pisani, é evolução de ***aui-gusiom**, i. é, “da ave grito, anúncio”.

BOS, **BOVIS**, “boi” — O i.-e. ***gwo-** ou ***guou-**, forma remota de **bov-**, é empréstimo antiqüíssimo do sumero **gud**, “touro”. (Pisani). Foneticamente, o lat. deveria ser **uos**, **uovis**; a forma com **b-** é um ruralismo. Designava, no indo-europeu, a espécie bovina sem acepção de sexo. (Ernout — Meillet). — O sumero, por sua vez, parece de origem onomatopaica.

BUCCA, “bôca” — talvez de origem céltica (Ernout — Meillet). É onomatôpico <**bu**, que se profere com as bochechas cheias de ar, e daí as idéias de bochecha e bôca. (Stürmer e Michaelis). — A reduplicação do **c** é expressiva, favorecida pelo sentido (***buca** : **bucca**). O elemento **ca** talvez seja o sufixo de diminutivo que se encontra em vocábulos áricos.

CABALLUS — “cavalo” — nome de origem controversa. Conforme Ernout — Meillet, não é indo-europeu, talvez balcânico, como o é **mannus**, “cavalinho”. Há quem sustente ser **caballus** um derivado do etnônimo **Kabaleis**, na Lícia. Pisani admite “veneranda antiguidade” a **caballus**, no qual reconhece um diminutivo (“cavalinho”), e com **-ll-**

expressivo, do normal **cabo**, **cabonis**. — Parece que o citado **mannus** (também com geminação expressiva?) lhe é afim, pois se aproxima do eslavo **ko-moni** < ***kob-nio**.

CALUMNIA, “calúnia — derivado de ***calo**-, i.é, ferimento (***lo**) no coração, nas entranhas (***ka**)”. (Trombetti).

CANCER — “caranguejo” — vocábulo reduplicado e dissimulado — ***kan-ker** < ***kar-kar** (Ernout — Meillet, Trombetti). — Em grego, a dissimilação consonântica se deu no segundo elemento: **kar-kín-os**. Deve ter significado ou plural, devido ao redôbro — “caranguejos”, ou referência aos freqüentes movimentos das pernas do crustáceo. Sob a forma não duplicada, há no lat. **cara-bus**, “langosta”, de origem grega **kára-bos**.

CAPERE — primitivamente “pegar, agarrar” (E. M.). Raiz **kap**-, “mão”. Paralelismos: lat. **prehendere**; **manuari**, “furtar”; port. **a-garr-ar** (garra, primitivamente “mão”, céltico ou ibérico, é afim do tocário, **tsar**, grego **kheir**, lat. **hir**, etc.). V. **habere**.

CARCER — “cárcere” — é derivado de **carcar** (registrado na época imperial); gr. **kárkaron**. (Ernout e Meillet). Em sânscr. **kara**, “prisão”. Talvez o sentido primevo fôsse plural.

CÓQUERE — “cozer” — derivado de ***pequere**, por sua vez composição antiqüíssima de ***pe**, “queimar” (corradical do gr. **pyr**, “fogo”) e ***ka**, “fazer” (elemento causativo), i. é, “fazer queimar”. (Trombetti). É o primeiro componente corradical do lat. **popina**, de origem osca, por sua vez redôbro ***po-pi**-?

CORIUM — “couro”, “pele de animal curtida” — tal era o sentido pré-histórico; servia também de “veste”. Para Ernout e Meillet, é cognato de **caro**, **carnis**, “carne”, de **cortex**, “cortiça, casca”, etc.

CRÉDERE — “crer” — é termo de origem religiosa, composto de ***kredz**, “coração” e ***dhe**-, “pôr, colocar”, i. é, “depo-

sitar confiança em alguém” (Stürmer — Michaelis, Wasserzieher). Sânscr. *çrad-dadhami*. A'scoli traduz *çrad* como “fé, confiança”. Tal etimologia é tachada de popular por Ernout — Meillet.

CREMARE — “queimar” — provém de um tema **kre-má*, “calor”, corradical de *calere*, *calidus*, *calor*, etc. (Trombetti). — Corradical de *carbo*, *-onis*, “carvão” (Stürmer-Michaelis). Ernout-Meillet: Cognato de uma raiz atestada pelo islandês ant.-*hyrr*, “fogo”, gót. *hauri*, “carvão”, lituano *kuriù*, “fazer fogo”. *Cremare* parece de origem osco-úmbrica; aplicou-se principalmente à incineração de cadáveres, rito desconhecido na Itália e trazido pelos antepassados de línguas latina e osco-umbra. (E. e M.).

DEBILIS — “débil” — composto do prefixo negativo *de-*, “sem” e do vocábulo desaparecido **-bili*”, “fôrça”, i. é, “sem fôrça, fraco”. Cp. sânscr. *bálam*, “fôrça”, isl. ant. *ad-bal*, “poderoso”, eslavo ant. *bolii*, “maior”. (E. e M.).

DENS, DENTIS — “dente” — forma participial do verbo *édere*, portanto — “o comente”, “o triturante” (Wasserzieher, Skeat), que, afinal, segundo E. e Meillet, pode ser etimologia popular. — Para os primitivos, as partes do corpo humano são personificadas (Havers). Assim se explica a designação de “comente, mastigante”, idéia com que se evitou, por tabu, o nome adequado, desaparecido.

DURUS — “duro” — é derivado de **druros*, “pau, madeira, lenha, árvore”, i. é, “firme como uma árvore”. Cp. gr. *drus*. (Stürmer-Michaelis). — Foi cotejado com o sânscr. *da-runáh* “rude, forte”; isl. *dron*, “sólido”; etc. (E. e M.).

EDERE — “comer” — tem como raiz **e-de*, a qual, pelo que se deduz de Trombetti, é reduplicação incompleta, em vez de **de-de*, isto é, “comer comer”, condizente com os movimentos da bôca e da língua. — Corradical de *édere* é o latim *álere*, “alimentar”. (Trombetti).

EGO — “eu” — deriva-se de *é-go*. O primeiro elemento — *e-* significa “êste [que fala ou age]” e o segundo é a mesma partícula enfática de *a-ge!* (Trombetti).

FARI — primitivamente “afirmar”, depois “falar, dizer” — provém da partícula *bha, “sim, na verdade, certamente”. Aparentado ao lituano bà!, “sim!”, ao avéstico ba, “verdadeiramente”, ao gr. phé, “assim como, por assim dizer”. (Trombetti).

FAMES — “fome” — tem por base a idéia de “abrir a boca” (Stürmer-Michaelis). — Coincidência extra-indo-europeia: árabe fam, “boca”?

FLAMMA — “chama”. Deriva-se de *flagma, por sua vez de *bh(a)-lag-, dois radicais sinônimos — “brilhar brilhar”. O primeiro se acha, p. ex., no grego pháos, “luz”, phásis, “fase”, etc., e o segundo, p. ex., sob a forma a-rg- em *argentum*, “brilhante” > “prata”. (Trombetti). — São da mesma família: *flagrare*, *fulgor*, *fúlgere*, *fulmen* (êste derivado de *fulgmen), etc. — Ernout e Meillet não admitem a assimilação -gm- > -mm-; a geminação de *flamma* é explicada por expressividade.

FOEDUS — “feio, repugnante”. — Consoante Ernst Schwentner, derivado de *foegdus(?), por sua vez de origem interjeccional, correspondente ao sânscrito dhik!, interjeição de queixa e de repreensão, aparentado ao lat. fi! < *fig(?), e provavelmente corradical do lituano dygus, dygetis, “ter fastio, nojo, aversão”. — Para Havers e Stürmer - Michaelis, *foedus* é cognato do gr. píthekos, “macaco”. — Parece, contudo, que se liga com foe-t-ere, “feder”.

FORMICA — “formiga” — é afim do grego múrmex, em que se nota redôbro mur-me-k-. — O indo-europeu *mormika, com dissimilação da inicial em b africado, chegou a f. (Pisani). — Acham que o f em vez de m, do lat. *formica*, explica-se por desfiguração voluntária de origem tabuística. Consideram-se as formigas como praga ou espíritos malignos. (Havers). — Trata-se também de diminutivo, denunciado pela partícula -k-. Corresponde ao sânscr. *vamra-ka-s*. (Goidanich). — Segundo A. Cuny, o latim como o grego tomaram de empréstimo a um idioma pré-indo-europeu, em contacto com o semítico. (Cou-

sin). — Explica-se o redôbro *senão* como um plural, pelo menos em vista dos movimentos das formigas por cá e por lá. Quanto à idéia de diminutivo, isso é uma das modalidades da “captatio benevolentiae” respeito a tabu.

FURCA — “fôrca, etc.” — é derivação regressiva de *furcula* < * *furg-cla*, “tesoura (agrícola)” (Pisani).

FUGERE — “fugir” — deriva-se de uma exclamação * *bhéu ge!*, usada como verbo no imperativo: “fuga!” O primeiro elemento é a interjeição grega *pheu*, “ai!”, e o segundo é partícula enfática. (Trombetti). — Foi, talvez, usada primitivamente como exclamação de quem foge gritando e espantado, ou de quem avisa a outrem para fugir.

HABERE — “haver, ter” — primitivamente “ter nas mãos, agarrar”, proveniente de **gabe-*, corradical de *cape-re*. (Trombetti).

FILIUS — “filho” < **lactente, mamante*”, corradical de *felare*, “mamar”. (Brugmann, Ernout - Meillet). — O nome árico de “filho”, **sunús*, “parido” (Pisani) (ingl. *son*, alem. *sohn*, etc.), foi tabuízado entre os ascendentes da língua latina, em vista da alta significação que alcançou o filho na sociedade patriarcal. O feminino *filia* é de formação secundária. (Meillet, Havers).

FUNDUS — “fundo” — derivado de **bhundho-*, que, segundo Trombetti, queria dizer, pré-històricamente, “**raiz, fundo de árvore*”. — Corresponde, p. ex., ao sânscr. *budhnás*, “solo” (Brugmann). — É *fundus*, conforme Vendryès, aparentado a *mundus*, êste com o sentido de “cavidade hemisférica encravada no solo por onde se comunicava com o mundo subterrâneo”. (Ernout - Meillet). — Tratando-se de têrmos religiosos, não é de admirar que se apresentem como deformações de natureza tabuística.

INSULA — “ilha”. O indo-europeu não possui nome para ilha. A Ernout e Meillet parece etimologia popular o proposto **en salos*, “que está em pleno mar”, correspondente

ao grego *énalos*, “no mar”. Indica ilha fluvial o que se encontra no indo-irânico e no eslavo. O grego *nêsos* (nâsos) possui, dizem E. e M., aspecto “egeano”, i. é, pré-indo-europeu. Há, contudo, quem o ligue a *i-nsu-la*, que, neste caso, parece um diminutivo. Em irlandês *inis*, “ilha”. — Será tabu a causa do desaparecimento do termo que traduz “ilha” marítima ou fluvial? Cp.: Os Nufuras (Nova Guiné Holandesa) crêem que, se pronunciam o nome de uma ilha para a qual se dirigem, desviá-los-ão da rota a chuva, a neblina ou a tempestade. (J. G. Frazer, “Tabou et les Périls de l’Âme”, 1927, p. 338).

LAMBERE — “aplicar os lábios, lamber” — é corradical de *labium*, “lábio.” (Trombetti).

LONGUS — “longo” — é derivado de **dlonghos* (Bonfante). Seus afins, com nasal, gót. *langs*, irl. *long*, galês *llong*, em comparação com o sânscr. *dirgháh*, gr. *dolichós*, hitita *dalugaes*, eslavo ant. *dlugu*, gr. *thálassa* (Pisani), levam-nos à conclusão de que a nasal é expressiva, i. é, *longus* indicou “mais comprido” que se apenas fôsse **logus*.

LUCERE — “luzir abruptamente”. — O tema indo-europeu é *luk-*, cujo *-k-* é um “determinativo” da mesma; indica ação momentânea. (Trombetti). — São cognatos: *lux*, *lumen* (<**louksmen*), *luna* (de **louksna*), *lucerna*, etc. — A raiz é *welk-*, que se acha ainda no lat. *Volcanus* e no sânscr. *várkas*, “esplendor”. (Trombetti). — Ernout e Meillet declaram que é indeterminado o étimo da divindade *Volcanus*, e que não se exclui uma etimologia etrusca (cf. *Velcha*, *Volca* em gentílios etruscos).

LUPUS — “lôbo” — por várias razões, uma das feras mais temidas pelos Árias. Seu nome foi, em consequência, tabuizado, aparecendo, contudo, desfigurado propositadamente **wlk(w)o-*, **wl(u)k(w)o-*, **wlp-*, (E. e M.), mas cujo sentido era “estraga-lhador, despedaçador” (Havers). — Dados os traços comuns que unem o lôbo e a rapôsa (cp. o provérbio port. “O lôbo e a golpelha, ambos são de

um conselho”), não é de admirar tenham o mesmo radical os nomes áricos desses animais. (E. e M.).

MANARE — “manar, gotejar” — deriva-se de **madnare*, composto de expressões sinonímicas: **mad-* ou **ma-d-*, “água” e **na-*, “água”. — (Trombetti).

MANCUS — “manco” < * “mãozinha”, derivado de *manus*, “mão” e sufixo *-k-*, de diminutivo. Aplicou-se primeiramente à mão mutilada ou ao portador de um defeito físico na mão. Nomes símiles foram criados atendendo ao órgão afetado, mas, por eufemismo, no diminutivo. Esta é a razão (diminutivo eufêmico) e não, como querem Ernout e Meillet, de * *man* + *ko-s*, “com um sufixo característico das taras físicas”. — Cp. port. *maneta* (“mãozinha”), *perneta* (“perninha”).

MATER — “mãe” < * “mãezinha”. — Formado da voz infantil *ma*, “mãe”, com o sufixo *-te-*, partícula de diminutivo (eslavo *mati*, lituano *motê*), com *-r*, redeterminação do sufixo anterior, procedente dos casos oblíquos. (Trombetti, Goidanich). — Similmente: *pater*, * “paizinho”; *frater*, * “irmãozinho”. Cp. ital. *fratello*, *sorella*.

MULIER — “mulher” < * “a lactante, a que amamenta”. Baseia-se em *mulgere*, “mungir”, do tema **melg-*, corradical do ingl. *milk*, “leite”. — Foi proposto o étimo **mlie-si*, “mais mole, a que é mais fraca”, do radical de *mollis*, “mole”. (Brugmann, Meringer, Stümer - Michaelis). — Não há vocábulo documentado do indo-europeu comum para “mulher”. O que existia, certamente desapareceu por motivo de qualquer interdição. Assim, *mulier*, “mulher”, é criação relativamente recente. — Para a semântica * “lactante” > “mulher”, cf. *filius*.

NATRIX — “hidra, cobra d’água”. — Segundo Kluge-Götze, o indo-europeu **netr-*, “cobra”, é derivado de um verbo **(s)ne-*, “enroscar-se, serpear”. Cp. lat. *serpens*, *-ntis*, “rastejante”. — Para Walde-Hofmann, provém de **(s)ne-*, que se acha no lat. *neo*, “entrelaçar”.

NIDUS — “ninho” < * “lugar onde se assenta, onde se estabelece”, derivado de *ni-zdo-, i. é, “em” (ni) e radical do verbo sedeo, “sentar-se, assentar”. (E. e M.). — Em Stürmer-Michaelis: *ni-sd-os. — É bem provável que já remotamente fôsse empregada essa expressão para ninho de qualquer animal, uma vez que ocorrem deformações voluntárias em línguas eslavas (tabu da caça).

NOVEM — “nove” — deriva-se do indo-europeu *én-wen, *en-éwen, que se traduz — “êste (um) faltante (para dez)” (Trombetti). — Para o primeiro elemento, cf. o lat. en, “eis”, “eis aqui”, e, para o segundo, o grego eunis, “privado, órfão”.

OCULUS — “ôlho”. — Ernout e Meillet não reconhecem em oculus um diminutivo de *ocus, mas, em -lo-, um sufixo a indicar “um ser ativo, de gênero animado”. Corresponde ao lacônio op-tí-lo-s, ao beócio ók-ta-llo-s, etc — Trata-se da superstição do mau-olhado, da superstição de que os membros do corpo humano são seres pessoais, autônomos. (Havers). — A *ocus, “ôlho”, desaparecido no latim, correspondem o grego ókkon, em Hesíquio, o armeno akn, o eslavo ant. oko, etc.

OVIS — “ovelha, carneiro” — é de longínqua formação onomatópica, do indo-eur. *ow-i-, em vez de *ob-i-, “balante, que bale”, da onomatopéia ebe, bê. (Trombetti) — Cp. fr. bélier talvez de bêler < lat. belare.

PASSER — “pardal” < * “pequeno voante, pequeno volátil” — provavelmente derivado de *patter, do atemático pat com o sufixo de diminutivo -ter (pròpriamente -te-r) (Goidaních), o qual é corradical do lat. pétete, impetus, etc., do grego potáomai, “voar”, etc. É o étimo remoto do port. pássaro.

PECCARE — “pecar”. — Para Brugmann, é evolução de *pet-ca-, da raiz ped- “cair”, que, segundo o mesmo, se acha em pior, “pior”. — Para Ernout e Meillet, primitivamente “tropeçar, dar um passo em falso” e depois passou à idéia moral: “cometer uma falta ou êrro”. Pro-

vém de **pes**, **pedis**, “pé” (***pecco**-), como de **manus** se fêz **mancus** “manco, coxo”. Para o elemento **-k**-, cf. **mancus**.

PEIOR — “pior” — de ***pedios**-, da raiz ***ped**-, “cair”. Em vista do elemento intensivo ***-yes**-, que aí se acha, a indicar o que exerce com fôrça a ação indicada pelo verbo, “designaria o que dá particularmente uma queda, o que cai”. (Ernout - Meillet, Brugmann). — Consoante Trombetti, da raiz ***pe**!, interjeição de desprêzo, depois com o sentido de “mau”. É afim, provàvelmente, do grego **pheu**. (Trombetti). — A essa raiz interjetiva se prende o port. **fiau**!, **fió**!, **fió-fió**!, interjeições de desprêzo e caçoadas.

POPULUS — “pôvo”. — Ernout e Meillet não acham improvável ser empréstimo, e remetem a Devoto para possível coligação com o etrusco **fufluns** : **pupluna**. Reconhecem, no entretanto, que se trata de um redôbro. — Neste caso, seja qual fôr a origem, parece indubitável que o sentido primeiro era “gente”, um plural ou coletivo, e pode-se, a título de hipótese, coligá-lo com vocábulos extra-europeus, com os americanos lule **pelé**, “homem”; alacalufe **pellie-ri**, idem; mosquito **u-pli**, “amigo”, **u-pla**, “gente”. E talvez se inclua aí o próprio lat. **plebes**, **plebs** ou **pleps**, derivado de ***ple-pe-s**, o inverso de **po-pulu-s**? Ademais, E. e M. perguntam se **populus** não é o segundo elemento de **mani-pulus** (**mani-plus**) “companhia militar de 100 (ou 200) soldados; bando, tropel, turba”? — Quanto à idéia de “crescer”, a propósito da hipótese de Devoto, diz Cousin que “é muito arriscada, pois o sentido de “crescer” não se impõe à raiz”.

PRAEHENDERE — “prender, segurar, agarrar”. — O elemento ***-hend**- dêsse verbo, que concorda com o gr. **kheisomai** (de ***khend-somai**), **ké-khondái**, etc., provém de ***ghend**-. (Ernout e Meillet). — Brugmann e Stürmer - Michaelis ligam **prae-hend-ere** a **praeda**, “prêsa, captura”, derivado de ***prae-heda**, cujo segundo elemento primitivo é ***gheda**. — Parece que o radical ***ghend**- quer dizer “mão” e é o mesmo do gótico **handus**, al. e ingl. **hand**, etc. — Paralelo semântico em **cápere**.

PRISCUS — “prisco, velho”. — O elemento **-co-** de **pris-co-** é traduzido por “homem”, e tem por formação paralela o cretense **preis-gu-s**, o grego **prés-bu-s**. (Trombetti). — Brugmann traduz **-ko-** como se fôsse um diminutivo, e o elemento **pris-** tem idéia de anterioridade.

PURUS — “puro” — é, talvez, consoante Stürmer - Michaelis, verbal de ***purare**, “fazer fogo e purificar pelo fogo”; corradical do gr. **pur**, “fogo”, assim como do lat. **purgare**, “purgar, limpar, purificar pelo fogo”.

QUATTUOR — “quatro” — é proveniente do indo-europeu ***kwé-twor-**, ***kwé-toru-** ou ***kue-twer**, isto é, “um (mais) três”. (Trombetti). — Para o primeiro elemento, cf. o sânscr. **é-ka-s**, “um”, e, para o segundo, cf. o lat. **tre-s**, “três”.

QUINQUE — “cinco” — é evolução do indo-europeu ***penkwe** ou ***penque**, e significa “mão, punho”, aparentado ao germ. **fiing-ra**, “dedo”. (Friedmann, Trombetti). — Parece que lhes é afim o lat. **púngere** e **pugnus**.

SEX — “seis” — provém do composto ***(k)s-eks** ou ***(k)s-w-eks**. isto é, “três (mais) três”. (Trombetti).

STELLA — “estrela” — provém de ***stelna** e não de ***sterla**. A sílaba nasal de ***stelna** é explicada por analogia com **luna**, “lua”, como a sílaba nasal do gótico **stairno** é baseada no gót. **sunno**, “sol”. (E. e M.) — ***Stelna**, em vez de ***ster-na**, provém do indo-europeu ***estér**, por sua vez empréstimo ao acádico (assírio-babilônico) **istar**, nome do planeta Vênus. (Pisani). Coliga-se aqui também o grego **astér**. — O sânscrito **tará**, “estrela” (será o representante legítimo indo-europeu?) forma equação com o assírio-babilônico **is-tar**.

SURDUS — “surdo” < “*preto, *sujo”. Corradical do lat. **sordere**, “sujar”, do gr. **skór**, “estêrco”, de germ. **swar-ta**, **schwarz**, “preto”, etc., todos descendentes do indo-europeu **s-kwer** “ser negro, sórdido”. (Trombetti).

TALIARE — “talhar, cortar” — é vocábulo popular baseado em **talea**, “lâmina pequena de metal; vara com ponta de fer-

ro; estrepe; etc.” Não é, pela forma, palavra indo-européica, mas empréstimo. (E. e M.). — Parece, todavia, que **taliare** se baseia num hipotético ***tali-**, “pedra” e também “instrumento cortante”. Talvez lhe são correspondentes extra-europeus: banto-sudanês **-tali**, “pedra, ferro”; caucásico **tali, toli**, “seixo, pederneira”; andamanês **tailli**, “pedra”; etc. Paralelo semântico: lat. **saxum**, “seixo” = alto-alem. ant. **sahs**, “faca, espada curta”; germ. ***mezzi-sahs**, “pedra de refeição” > alem. **messer**, “faca”. Não é improvável que ***tali-**, “pedra”, seja o mesmo que **talea**, acima.

VITRUM — “vidro” < ***“brilhante”**. — Pisani alia-o ao letão **kvītēt**, “brilhar, resplandecer”. — Ernout e Meillet apresentam-no sem etimologia, mas inclinam-se a admiti-lo como empréstimo. — O germ. **glass**, “vidro”, talvez significasse também “brilhante” (Skeat, *Wasserzieher*). — Entre os Romanos o vidro era brilhante, mas não transparente, e de coloração azulada ou esverdeada. (J. André). Este autor, a propósito do adj. **vitreus**, não assinala semelhança com o vidro, a não ser sob o aspecto do brilho e da transparência [translucidez?] — Skeat e *Wasserzieher* prendem ao lat. **vitrum** o ingl. **woad**, al. **waid**, sueco **veide**, etc., nome de uma planta tintorial de côr azul, mas E. e M. afirmam que a planta foi assim denominada por causa da sua côr vítrea. — Em Skeat, anota-se que há quem coligue **vitrum** com **videre**, “ver”.

BIBLIOGRAFIA:

- Brugmann** (K). “Abrégé de Grammaire Comparée des Langues Indo-européennes”, Paris, 1905.
- Bonfante** (G.) — “Contributi Glottologici”, Roma, 1929.
- Cousin** (J.) — “E’volution et Structure de la Langue Latine”, Paris, 1944.
- Ernout** (A.) e **Meillet** (A.) — “Dictionnaire E’tymologique de la Langue Latine”, 3.^a ed., t. I e II, Paris, 1951.

- Friedmann (S.)** — “La Lingua Gotica”, Milão, 1896.
- Goidanich (P. G.)** — “Il Suffisso di Pater, Mater e Sim. e la Funzione Primitiva Generale del Suffisso Indo-europeo -tero-” “in” “Scritti in Onore di Alfredo Trombetti”, Milão, 1938.
- Havers (W.)** — “Neuere Literatur zum Sprachtabu”, Viena, 1946.
- Kluge-Götze** — “Etymologisches Wörterbuch der Deutschen Sprache”, 15.^a ed., Berlim, 1951.
- Meringer (R.)** — “Lingüística Indoeuropea”, Madri, 1923.
- Pisani (V.)** — “Studi sulla Preistoria delle Lingue Indoeuropee”, Roma, 1933.
— “Geolinguistica e Indoeuropeo”, Roma, 1940.
- Schwentner (E.)** — “Die Primären Interjektionen in den Indogermanischen Sprachen”, Haidelbergue, 1924.
- Stürmer (F.)** — **Michaelis (G.)** — “Etymologisches Wörterbuch”, 3.^a ed., Lipsia e Berlim, 1925.
- Skeat (W. W.)** — “A Concise Etymological Dictionary of the English Language”, Oxforde, 1924.
- Trombetti (A.)** — “Elementi di Glottologia”, Bolonha, 1923.
— “L’Unità d’Origine del Linguaggio”, Bolonha, 1905.
— “Come si Fa la Critica di un Libro”, Bolonha, 1907.
— “Le Origini della Lingua Basca”, Bolonha, 1925.
- Wasserzieher (E.)** — “Woher? — Ableitendes Wörterbuch der Deutschen Sprache”, 9.^a ed., Berlim e Bona, 1935.
-